

ABRIL – 1979



ABC, o saldo de uma luta

Página 3



Imo Eduardo Simões

A importância, as dificuldades e as pressões sofridas pelas comissões de fábrica de Guarulhos reveladas pelos próprios operários

Páginas 4 e 5

Nasce um herói em Guarulhos

Página 7

O REPÓRTER
de GUARULHOS
O jornal da cidade

ANO III — Nº 13

Abril de 1979

Cr\$ 2,00



Esforço dos atletas serve para vender mais cigarros

Última página

A abertura foi pro brejo

Página 2

Intervenção, o primeiro passo da "abertura"

«A abertura que eu prometo terá de ser feita dentro das leis. Não começarei nada na baderna» (Folha de S. Paulo, 21 de 03 de 79).

Talvez nem fosse preciso escrever que foi o general João Baptista Figueiredo quem disse isso. Ou talvez ele nem precisasse dizer tal coisa. Que a abertura dele vai ser na base do «prende e arrebenta», como ele mesmo declarou antes de virar presidente deste País, pouca gente tinha dúvida. E com a intervenção nos sindicatos metalúrgicos do ABCD ficou bem claro, claríssimo, qual a democracia que os donos do poder querem para o Brasil: a deles, regulada por leis que eles fazem e imposta pela força armada que eles dispõem.

Com a intervenção no ABC, «o governo definiu-se ao lado do capital multinacional contra os trabalhadores metalúrgicos de São Paulo», disse o presidente da Assembléia Legislativa gaúcha, Lélcio Souza, no dia em que a polícia ocupou o ABC.

«O Brasil não tem um Ministério do Trabalho, o Brasil tem um Ministério do Capital», afirmou o deputado Alceu Colares, do MDB gaúcho, na Câmara Federal nesse

mesmo dia, enquanto o deputado Ademar Santilo, do MDB de Goiás, declarava que «o governo, realmente estendeu a mão. Não para a pacificação, mas para usar o cassete contra os trabalhadores utilizando-se das leis de exceção que dispõe». E o paulista João Cunha (MDB) completava: «A intervenção é um ato de violência que dimensiona a incapacidade deste governo em solucionar os problemas sócio-econômicos que o regime ditatorial gerou e não sabe como gerir».

Até gente da Arena reconheceu que a abertura democrática prometida por Baptista Figueiredo é só da «boca pra fora»: «Foi um episódio lamentável (a intervenção no ABC). Lamento que tal decisão tenha ocorrido no início de um governo que proclamou, por diversas vezes, o desejo de ampliar as franquias democráticas no País», disse o presidente da Arena mineira, deputado federal Aécio Cunha.

A democracia pretendida por Baptista Figueiredo, pelo visto, não leva em conta os interesses reais do povo brasileiro. Não leva nem em conta a característica principal da democracia: a legitimidade dos

representantes eleitos pelo povo. Como aconteceu com inúmeros políticos emedebistas, Lula, Benedito Marcilio e João Lins, presidentes dos sindicatos de São Bernardo e Diadema, Santo André e São Caetano, foram cassados e por lei não poderão voltar a ocupar postos eletivos em entidades de classe.

Essa é a abertura prometida. Quando o trabalhador incomoda os donos do poder e os donos do capital, (seja nacional ou multinacional, porque o capital não tem pátria), que, no fundo, são os mesmos. cace-te e cassação — sempre dentro da lei, da lei que não foi feita pelos que representam legítima e dignamente o povo, pelos que foram eleitos em eleições diretas, o que, todo mundo sabe, não é o caso do general cavaleiro instalado na Presidência da República. Isso sem falar na roubalheira que foram as eleições de novembro passado, em que, no total, o MDB teve mais ou menos um milhão de votos a mais do que a Arena e, ao contrário do que deveria acontecer em qualquer País medianamente democrático, o MDB tem menos deputados e senadores do que o partido sustentado pelo governo!

Mas é a lei, a lei baixada no «pacote de abril», pela força, na marra.

Assim, a abertura que interessaria aos trabalhadores nem de longe se assemelha à do general presidente, se o trabalhador não pode ter um sindicato livre, liberdade de organização, direito de greve (pelas leis que aí estão, greve é proibida mesmo, qualquer greve) e também anistia para os líderes operários punidos pelo regime por defenderem os direitos dos trabalhadores.

Não será também uma abertura que venha de cima, do governo, para baixo, para a sociedade. A abertura, a democracia, terão de ser conquistadas, ganhas pela classe trabalhadora, porque ela precisa disso, porque tem direito de lutar e defender seus interesses.

A democracia que interessa aos trabalhadores e a que irão conquistar organizando-se é a que os metalúrgicos do ABC praticaram em duas semanas de greve: decisões tomadas em assembléias pelos operários diretamente envolvidos e interessados nas questões que estavam sendo deliberadas, decisões realmente populares acatadas e aplicadas pelos líderes dos operários que as votaram, participação das massas de operários em todo o processo de greve e na elaboração da direção, da condução do movimento. Nada de «pacotes», de leis baixadas de gabinetes luxuosos ou de Congressos formados por falsos representantes populares.

Infelizmente Baptista e os seus não estão preparados para esse tipo de democracia.

Os reflexos da greve em Guarulhos

«O problema do ABC é um problema nacional», declarou um dirigente sindical de Guarulhos, dando a exata medida da preocupação dos operários guarulhenses, que acompanharam a greve do ABC desde o momento de sua decretação. Os metalúrgicos guarulhenses manifestaram sua solidariedade aos companheiros grevistas tanto através de seu sindicato quanto da oposição sindical, colaborando com donativos e alimentos e reiterando total apoio à sua luta. Falando sobre a intervenção, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Edimilson Felipe Neri, disse que já esperava, mas, em sua opinião, «o governo deveria intervir no sindicato dos patrões, já que eles não cederam nem um milímetro, levando a situação ao pé que chegou».

Declarando-se contrário a toda a dominação e controle sindical por parte do governo, a Oposição Sindical Metalúrgica, disse que a greve foi uma grande lição, manifestando total apoio ao movimento.

O presidente do Sindicato dos Químicos de Guarulhos, João Pedro da Silva, referindo-se à intervenção, declarou que «os dirigentes sindicais do ABC fizeram o que devia ser feito, caíram de pés». Este sindicato abriu suas portas ao recebimento de donativos de toda a população para serem enviados aos grevistas. Por outro lado, a Igreja da região manifestou-se em favor dos grevistas através da Pastoral Operária da Diocese de Mogi das Cruzes, que compreende, ainda, Guarulhos, Suzano e Arujá. Em nota de apoio, distribuída na maioria das igrejas sob sua jurisdição, deplorou a intervenção governamental nos sindicatos metalúrgicos do ABC, lembrando as palavras de João Paulo II, em Puebla: «É direito dos operários criar livremente organizações para defender, promover seus interesses, contribuindo responsabilmente para o bem comum. A Pastoral comprometeu-se, também, em ajudar os operários e suas famílias. Paralelamente, jornalistas da Rede Globo lançaram nota de esclarecimento aos brasileiros, diante da cobertura anti-operária que a Globo deu ao movimento grevista, denunciando a deturpação do trabalho deles e hipotecando apoio total aos companheiros grevistas».



SENHORAS E SENHORES, APRESENTAMOS A MEDIDA EXATA DA ABERTURA DO FIGUEIREDO...



O Repórter de Guarulhos

Editora Cabuçu Ltda.
r. Luiz Faccini, 597, s/32

Responsável — Névio Roberto Gomes
MIPS 9854

Impressão e Composição
Diários Associados
r. 7 de Abril, 230 — São Paulo

Na greve, operários mostram sua força

A greve do ABC fez uma trégua de 15 dias para negociações entre operários, patrões e governo. Os metalúrgicos deixaram aberta a possibilidade de retomar a greve no dia 12 de maio. Os pontos defendidos do lado dos trabalhadores são: não desconto dos 11% obtidos por greve em maio do ano passado; pagamento dos dias parados (15 dias); volta das diretorias dos sindicatos depositas pelo governo no dia 23 de março.

Os patrões já ensaiam conceder alguma coisa além da proposta que assinaram com os sindicatos metalúrgicos do interior: 63% para quem ganha entre 1 e 3 salários mínimos e 57% para quem ganha entre 3 e 10 salários. Haverá muitos vaivéns nas negociações, pois há diferentes opiniões dos patrões entre si e com o governo. Mesmo dentro do gover-

A mais longa greve operária após o golpe de 64

no há opiniões diferentes entre o ministro do Trabalho e ministro do Planejamento. O que não pode é ficar a proposta patronal. Foi recusando esta proposta que os traba-



Lula sempre contou com o apoio maciço dos operários...

lhadores entraram em greve no dia 13 de março.

Os trabalhadores, alegavam que cerca de 70 por cento dos metalúrgicos do ABC recebem acima de 3 salários, de tal modo que a maioria receberia o aumento de 57%. Ora, este aumento seria calculado sobre os salários de um ano atrás descontados os 11% obtidos por greve e mais as antecipações salariais obtidas durante o ano de 1978. No final das contas, os operários terminariam recebendo apenas uma mixaria de aumento, como aconteceu aqui em Guarulhos no ano passado.

A greve no ABC foi a mais longa greve geral desde 1964. Durante quinze dias os metalúrgicos mostram sua grande capacidade de resistência, que tinha gás para aguentar ainda mais, apesar de que grande número de famílias grevistas estavam já passando necessidade. O que diminuiu o aperto que passavam foi a solidariedade que começou com a população do ABC e depois se espalhou por muitos lugares, em São Paulo e pelo Brasil.

Fica a lição de que agora as greves tendem a ser bem mais longas do que as do ano passado e exigem portanto uma preparação maior para aguentar o tirão.

Cem mil nas assembleias: só isso já é uma vitória.

Outra inovação em São Bernardo, Santo André e São Caetano foi fazer agora a greve ao estilo de antes de 64: greve fora da fábrica, para evitar as pressões dos encarregados e patrões dentro da fábrica (pressões de que os operários de Guarulhos têm muita lembrança). Agora, a greve fora da fábrica, como sempre aconteceu, exige o piquete (grupos de 20, 100, mil trabalhadores que convencem os indecisos a não entrar na fábrica).

Nos primeiros dias os piquetes eram feitos na porta da fábrica. Mas nos dias seguintes a polícia



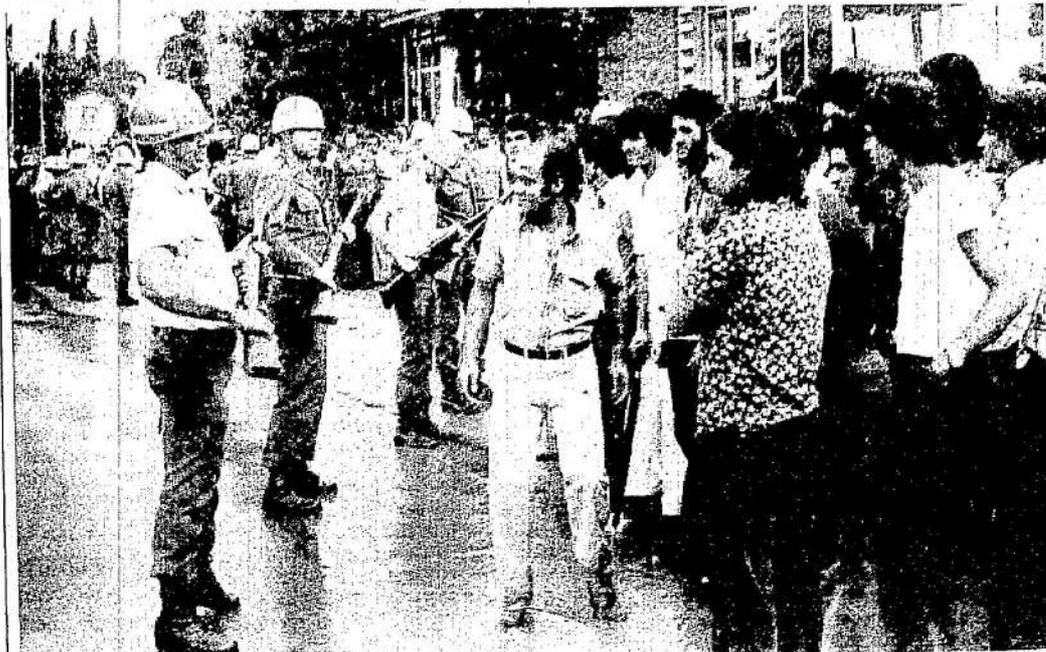
...inclusive de suas famílias

tomou conta destes locais; então os piqueteiros se postavam nas avenidas de acesso às fábricas parando os ônibus e convencendo os colegas a descer. Para evitar o amortecimento do ânimo de luta, típico da greve na rua, foi muito importante a assembleia diária. Dia a dia, cerca de 100 mil metalúrgicos de S. Bernardo (dos 120 mil que há no município) se reuniam num estádio de futebol cedido pela Prefeitura. Havia mais gente no estádio do que o recorde de público recente no Pacaembu, quando num jogo Corinthians e Santos deu 64 mil torcedores. Em Santo André e São Caetano, cerca de 10 mil metalúrgicos se reuniam diariamente, decidindo a continuidade da luta.

A intervenção nos sindicatos do ABC desorganizou por três ou quatro dias a greve. O governo desde o primeiro dia havia mandado a polícia contra os trabalhadores e tinha também infiltrado agentes nas reuniões dos operários para saber os planos dos piquetes. Em 48 horas a Justiça do Trabalho, que demora anos para resolver um processo havia decretado a ilegalidade da greve. Como ela resistiu a tudo isso, o governo, dez dias depois do início da greve, resolveu tomar os sindicatos e depor seus dirigentes. A polícia cercou os sindicatos, invadiu, expulsou os diretores, bateu nos operários e prendeu centenas deles.

Piquetes, uma velha arma que deu bons resultados.

O fechamento dos sindicatos não terminou a greve mas abalou os trabalhadores nos primeiros dias. Muitos andavam sem rumo durante o dia, milhares de operários se reuniam numa praça, tentavam retomar o estádio ou chegavam até a retomar por algum tempo o sindicato. A organização só se refez quando os dirigentes depositos voltaram ao comando e em grandes assembleias, os metalúrgicos decidiram voltar organizado ao trabalho dando prazo de 45 dias aos patrões e ao governo.



Nem a polícia conseguiu intimidar os grevistas

ISTO LHE INTERESSA Intervenção nos Sindicatos

A intervenção do governo nos sindicatos do ABC, afastando dos cargos toda a diretoria eleita, só é possível porque não existe liberdade sindical no Brasil. O sindicato brasileiro é inteiramente amarrado ao Governo Federal através do Ministério do Trabalho. De tal modo que, o sindicato que quiser seguir a vontade expressa dos trabalhadores tem que na prática, agir fora da lei, ficando sob ameaça constante de intervenção.

Isto ocorre porque a Consolidação das Leis do Trabalho foi copiada do código «fascista italiano», na ditadura de Getúlio Vargas, tendo a partir de 64 sido feitas pelo governo da Revolução, novas leis restringindo mais ainda o âmbito de atuação dos sindicatos.

SUBMISSÃO DOS SINDICATOS

A submissão dos sindicatos ao Ministério do Trabalho tem vários aspectos: 1- Pelo artigo 528 da CLT, ocorrendo motivos que o governo julgar graves, o Ministério do Trabalho pode cassar os dirigentes sindicais e nomear um interventor ou junta interventora, que ficará no cargo pelo tempo que o Ministério julgar necessário; 2- O sindicato para ser uma associação legal tem que ser reconhecido pelo Ministério, com disposições rigidamente indicadas pela lei. Só para exemplificar, a lei manda, no Artigo 518 da CLT, o que deve constar dos estatutos, a obrigatoriedade de o sindicato agir como órgão de colaboração com o Governo e com associações inclusive patronais, no sentido da paz social e da subordinação dos interesses nacionais (que são fixados pelo Governo). Em outras palavras, o sindicato tem que colocar nos seus estatutos a espada que cortará a sua cabeça, caso não seja submetido às normas governamentais; 3- O sindicato pode viver sem o apoio da classe que representa, pois sendo reconhecido pelos órgãos públicos, sua fonte de renda está garantida pela contribuição sindical, que é o desconto obrigatório, no mês de março, de um dia de trabalho de cada trabalhador, seja ele associado ou não, ao sindicato; 4- Para um trabalhador ser eleito dirigente sindical, a lei impõe também, uma série de exigências. A mais grave é a do atestado ideológico, isto é, o atestado de que não consta dos arquivos policiais registro de atividades consideradas contrárias ao regime atualmente vigente no País.

LIBERDADE SINDICAL

Toda esta legislação foi imposta em regime ditatorial, com intuito de defender os interesses do capital, sem a participação dos trabalhadores procurando descaracterizar os sindicatos, transformando-os em meras sucursais do INPS, e sendo utilizados como freios às reivindicações dos trabalhadores. A liberdade sindical que permite realmente aos sindicatos representarem os seus associados, consiste na possibilidade de os trabalhadores organizarem seus próprios sindicatos, sem interferência do Governo, mantendo-os através de contribuições livres de seus associados.

Se existisse liberdade sindical no Brasil não teria havido possibilidade «legal» destas intervenções e das centenas delas ocorridas desde 1964. Torna-se, portanto, fundamental, que toda legislação trabalhista brasileira seja revista, para que tenha legitimidade necessária para ser reconhecida como norma legal a ser obedecida por toda sociedade.

Como funciona a comissão

O que é uma comissão de fábrica? Qual o seu papel?

A cassação de todos os dirigentes sindicais do ABC mostra as limitações de nossos sindicatos. Mas ao mesmo tempo chama a atenção para as novas organizações que os operários têm criado, a partir das greves e que não constam das leis: as comissões de fábrica. Cerca de uma dezena de comissões se formaram nas greves de junho e julho do ano passado, em Guarulhos, mas só três metalúrgicas e uma química conseguiram estabilidade. Foram as únicas que resistiram e continuam a existir. A estabilidade no emprego, por dois anos, dos membros destas comissões foi legalizada por acordos feitos entre os respectivos patrões e sindicatos.

Manessmann: nosso compromisso é com trabalhadores

Tem 15 membros eleitos entre os trabalhadores da firma, em assembleia feita no sindicato, durante a greve de junho. Da época da greve, até hoje, a direção da empresa não aceitou mais ter diálogo com a comissão. Ao contrário, suspendeu por tempo indeterminado, para inquérito judicial, um dos membros, baseando-se em acusações de um engenheiro, consideradas totalmente falsas pelos trabalhadores. Deste modo, a firma tenta calar a Comissão, tornando-a um organismo sem utilidade para os trabalhadores. Aqui vão algumas opiniões de dois membros dela: Roberto e Orlando.

O REPÓRTER: Qual tem sido a atividade da Comissão Manessmann?

COMISSÃO: A principal atividade da Comissão se deu durante a greve. A assembleia na fábrica tinha recusado aceitar contra-proposta de aumento feita pelos patrões e então o sindicato propôs eleger uma comissão para negociar. Esta eleição foi feita em assembleia realizada no sindicato. Houve negociações até que se chegou ao acordo. Depois disso, a direção da empresa não quis mais diálogo. Às vezes, alguns colegas de serviço procuram a comissão para ver irregularidades e ir ao Sindicato fazer reclamação.

O REPÓRTER: Os colegas da fábrica consideram importante a existência da Comissão?

COMISSÃO: Parece que pouquíssimas pessoas dentro da fábrica estão achando diferença de ter comissão ou não. A maioria ainda não notou que, depois da greve, com a comissão, começou a enfrentar um problema abrindo imediatamente processo na justiça é um atraso. Quando se abre um processo, a firma manda o trabalhador embora. Ao contrário, se a comissão enfrentar o problema com a firma, a união vai ser maior e o companheiro pode ganhar a questão sem ser demitido. A comissão ainda está por mostrar a sua importância e sem dúvida vai agir neste sentido.

O REPÓRTER: A comissão é subordinada ao sindicato?

COMISSÃO: Os colegas de serviço em geral não fazem diferença entre comissão e sindicato, por isso, depois da greve de novembro, quando muita gente desacredi-

tou do Sindicato, desacreditou também da Comissão. Uma parte, no entanto, defende a independência com relação ao sindicato, porque a Comissão representa sindicalizados e não-sindicalizados e porque ela não deve se submeter aos limites que a lei põe para o sindicato. O único compromisso da Comissão deve ser com os trabalhadores da fábrica, cuja posição ela deve representar.

O REPÓRTER: A estabilidade facilitou o trabalho da Comissão?

COMISSÃO: O fato de a firma não poder nos despedir pelo prazo de dois anos mostrou a sua importância em novembro, quando pudemos organizar a greve na fábrica, sem ter as cabeças cortadas. Sem a estabilidade, pelo menos da Comissão, a nossa c'asse fica mais fraca, pois a firma demite a hora que quiser alguns que necessariamente têm que se destacar na luta. Mesmo com estabilidade, a firma encontra meios de nos atacar que dirá sem ela! Tem o exemplo de um companheiro nosso, que foi suspenso. Mas, a própria estabilidade do companheiro suspenso, tem que ser defendida hoje, dentro da própria firma e secundariamente na Justiça. Já estamos iniciando esta defesa.

Santa Maria sente necessidade da orientação sindical

Foi criada durante a greve de junho, originalmente com 14 membros eleitos por setor da fábrica e aprovados em assembleia de todos os operários, feita no pátio da empresa. Ainda naqueles dias, a direção da Santa Maria pediu a redução para sete participantes, e os nomes dos sete também foram aprovados em assembleia. A direção da empresa continuou se reunindo com a comissão, depois da greve, em geral, uma vez por mês. Esta entrevista foi realizada, com três

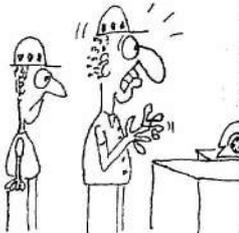
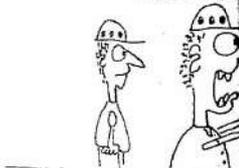
NOTAS TRABALHISTAS

Empregado da ACHÉ não tem nenhum direito, só obrigação

As condições de trabalho no Laboratório Aché são as piores possíveis. É o que dizem seus empregados demitidos, por ocasião da greve. Se o operário falta um dia de trabalho, mesmo quando tem justificativa, é imediatamente advertido ou suspenso. Os médicos da OPAM, que atendem por convênio, não dão atestado e ainda por cima o empregado somente pode fazer consulta médica, depois que é examinado por um médico da empresa, que só comparece três vezes por semana na firma.

Na Aché tem fila para tudo. Fila para o relógio, fila para o banheiro, fila para o almoço, novamente fila para o relógio. O almoço, por exemplo, é de uma hora, mas na realidade o operário sai

QUEREM
ACIMA DO
GOVERNO
DELEGAD



membros da Comissão: Farias, Carlos.

O REPÓRTER: O que você discutido com os patrões?

COMISSÃO: Discutimos pro que ainda ficaram pendentes de das paralisações e problemas novos desde então, três listas de reclamações, mas pouca coisa foi atendida, a firma amarra a solução problemas, principalmente por o chefe do Departamento Pessoal Alfredo. Uma coisa atendida foi o preço dos medicamentos da farmácia. Mas outros problemas como a gável comida do restaurante, o atendimento do enfermeiro durante as formas de pagamento, o preço de condução, não foram resolvidos.

O REPÓRTER: Como os cole

às 12:30 horas e volta às 13:20 contar o tempo que perde para o cartão. Quem não apresenta cartão no refeitório é suspenso.

Quando o empregado pede a Aché não paga seus direitos e manda embora, seu funcionário alega justa causa. O Laboratório sempre conta com a demora no Trabalho, obrigando o empregado fazer acordos para receber o que realmente tem direito. O pergunta é como uma empresa com tanta irregularidade, sem que a interferira, obrigando o cumprimento legislação trabalhista.

Empresas não estão cumprindo acordo salarial dos químicos

Existem empresas que só se p

comissão de fábrica



Comissão: Farias, Edgar e

REPORTER: O que vocês têm em os patrões;

ÃO: Discutimos problemas ficaram pendentes da época ações e problemas novos. Fizemos três listas de reivindicações pouca coisa foi atendida. A firma amarra a solução do principalmente por obra do Departamento Pessoal, Sr. a coisa atendida foi o descondos medicamentos da farmácia problemas como a intrada do restaurante, o péssimo do enfermeiro durante o dia, e pagamento, o preço alto da foram resolvidos.

REPORTER: Como os colegas de

LISTAS

ras e volta às 13:20, sem po que perde para bater o m não apresenta carteirinha é suspenso.

empregado pede a conta a ga seus direitos e quando ra, seu funcionário sempre causa. O Laboratório Aché a com a demora no anda-reclamações na Justiça do brigando o empregado a s para receber menos do te tem direito. O que se omo uma empresa comete aridade, sem que a DRT rigando o cumprimento à balhista.

resas não estão do acordo salarial os químicos

mpresas que só se preocu-

fábrica têm visto a atuação de vocês?

COMISSÃO: O pessoal está desagrada-do com a Comissão, porque nós conversa-mos com a Diretoria, ela promete, promete e não realiza. O pessoal termina culpando a gente. Talvez a gente faça reunião com os companheiros da fábrica, para discutir essa situação. A discussão dos problemas, até agora, tem sido mais entre membros da Comissão.

O REPORTER: Quais as relações entre a Comissão e o Sindicato?

COMISSÃO: A Comissão deve contar com o sindicato para orientação. Sem orientação dele, não tem condições. Eles fornecem o que precisa e assustam mais a direção da empresa. Neste sentido, depende do Sindicato. Mas, as reuniões entre nós são convocadas diretamente pela Comissão. Em si, a Comissão é inde-pendente.

pan em aumentar seus lucros, não se importando em absoluto em cumprir a legislação trabalhista. Pelo acordo firmado entre os sindicatos dos patrões e empregados do setor químico ficou estabelecido que o piso salarial dos empregados do setor seria de dez cruzeiros e cinquenta centavos a hora. Ocorre que o Sindicato dos Químicos tem verificado, quando homologa dispensa de empregados, que diversas empresas não vêm pagando o piso salarial. E o que acontece com empresas do Grupo Líder, como a Betina, por exemplo, está pagando Cr\$ 8,50 a hora. Todos os trabalhadores que estiverem recebendo menos de Cr\$ 10,50 a hora, devem informar, imediatamente, ao sindicato, que entrará com a ação judicial visando obrigar a empresa a cumprir o acordo. Para fazer esta denúncia não será necessário que a empresa fique sabendo o nome do empregado, não correndo

portanto nenhum risco de mesmo ser despedido.

Chapa pelega ganha eleição no Sindicato da Construção Civil

Finalmente, o sindicato dos Traba-lhadores na Indústria da Construção e Mobiliário tem uma diretoria celetas. Nas eleições realizadas nos dias 6 e 7 de março a chapa da situação do pelego Epifânio, venceu as eleições recebendo 310 votos, contra os 189 votos dados a oposição, 9 nulos e 5 brancos num total de 513 votantes. Com tão pouco votantes foi possível o representante da Federa-ção e os integrantes da chapa situação conversar com cada um dos votantes e convencê-los a votar na chapa da situa-ção. Assim de cerca de 30.000 trabalha-dores do setor somente 1% votaram para eleger a diretoria pelega.

Na Randon, muitas dificuldades para a comissão agir

A Randon é também, como as outras duas fábricas, uma metalúrgica pesada (ela produz carrocerias de caminhão). Os patrões aceitaram negociar na greve de julho com uma comissão. A comissão foi eleita, com cinco trabalhadores.

O Sr. José Antônio, membro da comissão, respondeu às nossas perguntas,

O REPORTER: O que vocês fizeram desde julho?

COMISSÃO: Um ou outro represen-tante da comissão passou a apresentar e defender junto aos patrões reivindicações dos companheiros da seção. Isso chegou a provocar atritos e pressões da empresa sobre um dos companheiros nossos. A diretoria da firma nunca mais se reuniu com a gente. Nem a gente se reuniu mais. Só no fim de outubro nos encontramos com o sindicato e as outras comissões lá na FIESP, na negociação com os patrões. Fomos um dia só porque no outro a dire-toria da empresa começou a complicar a nossa saída.

O REPORTER: Os trabalhadores da Randon acham importante existir a comissão?

COMISSÃO: Parece que para a maio-ria não faz diferença existir ou não. Podé ser porque a comissão não tem funciona-do muito. É claro que a estabilidade ajuda porque tem quem pode falar e não ser mandado embora.

O REPORTER: E as relações entre a comissão e o sindicato?

COMISSÃO: Quase não tem relaciona-mento entre a comissão e o sindicato. Um de nossos companheiros é que frequentou mais o sindicato, mas depois deixou de ir. Nós temos sindicalizado muita gente aqui. No mês passado o sindicato mandou para nós convites para a peça de teatro que teve lá. Na firma tem sócios que sempre vão ao sindicato. A comissão é independen-te do sindicato. Se quiser ela mesma pode decidir o que fazer.

Dr. José Humberto Costa

CIRURGIÃO DENTISTA

Av. Silvestre Pires de Freitas, nº 111
(Perto da Praça 8 de Dezembro)
Taboão — Guarulhos

PLANTAS

DE

CASAS

DESENHO DE PLANTAS

CONSTRUÇÃO

CONSERVAÇÃO

REFORMA

ESCRITÓRIO: R. S. BENEDITO, 308
VILA GALVÃO



MADEIRAS LEO LTDA.

especialidades

Madeiras Compensadas, Serradas, Aglomeradas
Portas, Formica, Eucatex, Duraploc, Durotex,
Tabuas de Pinho, Ferras para Concreto, Chapas Naval

FERRAGENS

SÃO PAULO

Rua do Gazômetro, nº 265 — Brás

PBX 229-4822

ANÚNCIOS POPULARES

O REI DOS PINTOS — Rações, alimentos para pás-saros, sementes, vasos, galolas, adubos e produtos vete-rinários. Grande variedade de mudas de plantas. Os melhores preços da praça. Avenida Monteiro Lobato, 28 - Guarulhos - Centro. Fone: 208-5410.

SAPATARIA MOTTA — O rei dos tamancos. Vende-mos também sandálias, chinelos, sapatões, botas, bolsas. Fazemos consertos em geral. Aceitamos enco-mendas. Rua Cerqueira César, 27 (quase esquina com Rua D. Pedro II). Guarulhos.

SERRALHERIA DUARTE — Vitrôs, portas e portões de ferro, portas de armazém, grades de proteção, barracas de jornais (também consertamos). Endereço: Rua Diamantina, nº 7, Jardim Santa Inês (perto da Praça 8 de Dezembro). Taboão - Guarulhos.

REFRIGERAÇÃO TABOÃO — Oficina especializada em conserto de geladeiras domésticas. Enrolamento de motores. Atendimento domiciliar. Garantia de assistên-cia técnica. Rua B, nº 6, Jardim Kawamoto - Taboão - Guarulhos.



Uirapuru exige: arrumem as ruas

As ruas do Bairro Uirapuru estão em estado calamitoso. Até a Ligth já atestou a precariedade em que elas se encontram e os moradores solicitam ao prefeito da cidade providências urgentes no sentido de que as vias sejam arrumadas. Principalmente as de número 4,5,6,7,8 e 11, entre outras. Acontece que a Ligth, no mês de janeiro, enviou as contas de luz dos moradores destas ruas, com o seguinte comunicado: «Rua intransitável impediu a leitura — faturado por média». As contas vieram altíssimas devido a esse tipo de faturamento.

Além disso, muitas vezes ambulâncias, caminhões de gás, táxis e carros particulares ficam impossibilitados de trafegar naquelas ruas, dificultando bastante a vida de todo mundo. Outro problema que está exigindo solução urgente diz respeito à iluminação e à coleta de lixo no bairro, já que os moradores pagam taxa de lixo e de luz, sem receber o serviço correspondente. Segundo eles, já que o benefício não é prestado, convém que o pagamento das taxas seja suspenso e os valores pagos até aqui, devolvidos aos contribuintes.

Prefeitura não responde ao Taboão

Desde julho do ano passado, a Assessoria da Prefeitura de Guarulhos, tem em mãos um abaixo-assinado com 980 assinaturas dos moradores do Taboão, pedindo que a linha de ônibus «Rodoviária», que tem ponto final no Bom Clima, chegue até o Taboão. O problema dos moradores deste bairro é que nenhuma linha vai pela via Dutra, e o pessoal que trabalha naquela região encontra dificuldades de transporte. As duas linhas do Taboão passam, uma pela Vila Galvão e outra pela Penha.

A solução, no entanto, parece que não é apenas estender a linha

já existente — Rodoviária/Bom Clima, que já anda lotado o suficiente, tanto que nas horas de maior movimento, é impossível conseguir um lugar, fora do ponto final, além do alto preço da passagem. O problema só seria resolvido, com a colaboração de novas linhas que atendessem as necessidades do pessoal, uma vez que a linha «Rodoviária», além de cara, não oferece condições de transportar os usuários do populoso bairro. Segundo o pessoal do Taboão, o abaixo-assinado está morando na Prefeitura, sem que até agora, ela tenha tomado qualquer providência, nem dado nenhuma satisfação.

Carro atropela no Jardim São Paulo

A rua «B», do Jardim São Paulo, recentemente asfaltada, está se transformando em autêntica pista de corrida para motoristas inconscientes, que colocam em perigo as centenas de estudantes frequentadores do G.E. Jardim São Paulo, ali localizado. No último dia 24 de fevereiro, às 10:40 horas, a estudante Regina Cecília Gusman de Oliveira, moradora na Rua «C», Jardim Santa Cecília, não morreu por um milagre. O carro particular, chapa TJ-7054, dirigido por Luis «Patrão», funcionário da Prefeitura de Guarulhos, em alta velocidade, breco em cima da menina, jogando-a a quatro metros de distância. Ao invés de socorrê-la, o sr. Luis «Patrão» xingou a garota e saiu novamente em alta velocidade. O fato ocorreu em frente à barbearia do Paulinho, que acompanhou a cena, presenciada, também, por outras pessoas que se encontravam no local. Com a se encontravam no local. Com a palavra, as autoridades de trânsito!

A escuridão é total em Santos Dumont

O Parque Santos Dumont continua sem luz, apesar da Ligth já haver aprovado o projeto de instalação de rede elétrica no bairro. Segundo seus moradores, que desde 1975 lutam para sair da escuridão, a Ligth está esperando apenas a auto-

rização da Prefeitura Municipal, para iniciar os trabalhos. A demarcação das ruas e a definição de plantas já foram realizadas e eles não entendem o porque da demora.

O processo de número 12.229/75 encontra-se na Prefeitura desde 23.07.77 e o pessoal está pedindo pressa para ter logo a luz em suas casas.

Outro problema que está afligindo a população de Santos Dumont é o da escola pública. Atualmente, a mesma está funcionando em um prédio alugado. A construção do Grupo já conta, também, com a aprovação da Prefeitura Municipal e a comunidade pede urgência pois suas crianças não podem ser prejudicadas. O processo, inclusive, já está na Prefeitura registrado sob o número 17.832 em 16.11.77.

No Jardim Paulista campo é problema

Há muito tempo que os moradores do Jardim Paulista vinham reivindicando que fosse terraplenado um terreno situado na parte alta do bairro para a construção de um campo de futebol. Durante a campanha eleitoral do ano passado a velha reivindicação foi atendida. Só que o serviço pela afofação de conseguir votos, foi tão mal feito e ao invés de melhorar as condições do bairro só fez piorar. Quando chove a água desce pela ribanceira em forma de enxurrada invadindo as casas e deixando uma das ruas intransitável. Por outro lado, quando não chove e o pessoal usa o campo para jogar futebol, a bola cai sistematicamente nos telhados das casas situadas em baixo quebrando as telhas ou causando outro tipo de prejuízo. Assim os moradores pedem que a prefeitura termine a obra e a deixe em condições de uso sem que isso cause incômodos à população. Basta para tanto que se coloque um alambrado no campo e que se faça um muro de arrimo ou canaletas para a água de chuva possa escorrer pelo barranco, que a terraplenagem deixou, sem problemas.

SAÚDE

As doenças que atacam a boca

Os dentes, tanto os de leite, como os permanentes, são de grande importância para a saúde do corpo. E através deles que iniciamos a alimentação. Os dentes de frente — chamados incisivos — cortam os alimentos e passam, com a ajuda da língua, para os dentes de trás que os esmagam e assim, o alimento se torna em pedaços bem pequenos, facilitando a digestão.

Mas os dentes são também importantes na pronúncia de palavras — fala — e na nossa boa aparência. Nos dias de hoje nos alimentamos muito de produtos industrializados: doces, balas, chocolates, refrigerantes, chicletes, massas que aderem ao dente e se não forem retirados no prazo de uma hora, poderão dar início à cárie dental. Não é, porém, só a cárie que se forma se não for feita uma boa limpeza nos dentes. Ocorre também uma inflamação na gengiva chamada «gengivite» ou «piorréia».

GENGIVITE

Ela provoca o sangramento da gengiva, mau hábito, dor e se não for tratado a tempo, pode ocorrer a perda do dente. Ele amolece e cai pois a inflamação vai destruindo todas as fibras que ligam o dente no osso. Se não limparmos também esta região, entre o fim do dente e o começo da gengiva, haverá a formação de uma massa dura que se chama tártaro e que se fica em contato com a gengiva por algum tempo provocará a gengivite. Pontes móveis, que não estão bem colocadas, dentes que estão fora de alinhamento, enfim, tudo que impede uma boa escovação, pode provocar a doença.

PREVENÇÃO

Para diminuir o aparecimento da cárie e gengivite, precisamos escová-los toda vez que comemos alguma coisa. Mas quando isto não é possível, convém enxaguar a boca com água, seguidas vezes, até remover os resíduos. Para escovarmos os dentes, devemos gastar de cinco a dez minutos de cada vez, ao menos três vezes ao dia, após as principais refeições. A escova deve ser macia e com a cerdas arredondadas. Se possível, é bom ajudar a final da escovação com fio dental, passando por entre os dentes. Os pais devem escovar os dentes na presença dos filhos, pois assim estarão despertando o interesse das crianças para a conservação de seus dentes.

cultura * diversões * cultura * diversões * cultura *

Super-Fome, nosso herói

Nosso desenhista Carmo, depois de exaustivos anos de observação e pesquisa da realidade brasileira, criou um herói típico: o **SUPER-FOME**. Ele mesmo conta a sua história.

Nasceu numa sexta-feira 13 de agosto (mês de cachorro louco), filho de pai e mãe analfabetos. Assim que aprendeu a engatinhar (aos quatro anos de idade) começou a dar mostras do seu grande poder de resistência; uma vez, tomou certa quantidade de leite da «Aliança para o Progresso» e sobreviveu milagrosamente!!!...

Contudo, seu temperamento era meio rebelde, gritava e esperneava feito louco sempre que o deixavam mais de uma semana sem comer... Aliás, essa sua capacidade de digerir fazia inveja a qualquer aprendiz de avestruz: já engoliu desde hambúrguer com quetichupi até um

porta-retrato quase novo sem problemas de azia ou má digestão... Quanto a insetos prefere tanto os voadores como os rasteiros. — só faz uma pouco de frescura quando se trata de engolir os mortos com «Raid» e «Detefon»... «Neocid Floral!» ele tira de letra.

Já passou por toda espécie de emprego, foi bebê de mendigo, moleque de cego, trombadinha (desistiu desanimado frente à enorme concorrência que essa ocupação passou a representar)...

Aos nove anos de idade tentou entrar para a Guarda-Mirim, pensava: Guarda-Mirim é melhor que

«FEBEM», mas foi duramente reprovado: no exame médico foi classificado como «Incapaz tipo C», fato esse que se comparado com o leite do mesmo nome é admitir que ele tinha mais água dos que partes sólidas na sua composição. Como se não bastasse, foi também rejeitado no exame ideológico quando manifestou a opinião que os militares deviam retornar aos quartéis; tese logo refutada pelo oficial examinador que disse: «Como voltar aos quartéis se lá tá entupido de preso político?...»

Com dezoito anos, foi emancipado (contra sua vontade), tirou título de eleitor, C.I.C. e Carteira Nacional de Habilitação para carrinho-de-rolimã-em-feira-livre. Mas não ficou muito tempo nessa estimulante profissão de carregar a comida alheia. Impelido por uma voz interior que pedia por ação e aventura, arrumou emprego numa grande firma, contratado sob regime da C.L.T., optando «voluntariamente» pelo Fundo de Garantia por Tempo de Serviço. Não é religioso; afastou-se da igreja quando foi pego em flagrante, com ar de guloso, tentando entrar pela oitava vez na fila da



Carmo, na infância: um super-herói distarçado de colegial.

Primeira Comunhão.

É verdade que na luta diária pela sobrevivência, ele não tem tempo de salvar mocinhas puras e indefesas da mão de violentos bandidos violentadores, muito menos salvar a democracia ocidental do avanço «Comunista Internacional», mas isso já é tarefa grande demais prum simples herói da periferia...

Depois de tanto Batman, Robin, Capitão América e Lotar, finalmente um herói tipicamente brasileiro.

Com vocês, o SUPER-FOME!



Copa Arizona: uma jogada da Souza Cruz



Todo esforço e alegria dos jogadores em prol da fábrica de cigarros.

Sob o falso pretexto de ajudar o futebol de várzea, a Souza Cruz tem na Copa Arizona a sua mais bem sucedida campanha publicitária.

Uma bem montada campanha publicitária vem mostrando a Copa Arizona como a salvação do futebol amador. No entanto, a realidade não é bem essa. O grande beneficiado da Copa é mesmo a Companhia de Cigarros Souza Cruz, tanto assim que o seu assistente de promoções nacionais, Marcelo César Peixoto Dias, define a Copa Arizona como a maior promoção publicitária da companhia: Em número de pessoas envolvidas na Copa é a maior promoção da empresa. Ela é dirigida a industriários, comerciários, trabalhadores em geral, justamente às pessoas que praticam o futebol amador (e que consomem cigarros). Com respeito a objetivos ela visa promover a marca Arizona, incentivar o futebol amador, o intercâmbio entre os Estados e, principalmente, impedir que este esporte deixe de existir devido às inúmeras construções que surgem com rapidez nas grandes cidades, eliminando os campinhos.

De fato quando o diretor da Souza Cruz diz que a Copa é a maior promoção da empresa ele deve ter suas razões, no entanto quando afirma que ela visa promover o futebol amador ele deixa de ter razão por completo. A Copa Arizona, na verdade, só serve para levar o futebol de várzea à falência. Os dirigentes dos clubes de várzea que participam da Copa reclamam da falta de apoio dos promotores e organizadores do torneio, pois a participação na Copa os obriga a uma série de despesas sem que os

patrocinadores se disponham a facilitar ou diminuir os gastos dessa participação. O regulamento da Copa obriga os clubes a apresentarem dois fardamentos novos, a participar do desfile inaugural e a transportar seus jogadores e torcidas para os locais dos jogos.

Dívidas

Isso implica em despesas que os times não têm condições de enfrentar. Um fardamento novo custa cerca de 1.200 cruzeiros, o aluguel de um ônibus 350, fora as despesas com o desfile e o transporte da torcida.

Assim um time de várzea que vive do pagamento de Cr\$ 50,00 por mês de seus associados não tem condições de fazer frente a essas despesas sem se endividar.

Um time precisa reunir cerca de cinco mil cruzeiros antes de entrar na Copa, façanha particularmente difícil para os autênticos clubes de várzea aqui de Guarulhos, principalmente se levarmos em conta que no período da Copa os times são obrigados a deixar de cobrar a mensalidade dos jogadores, quando não a pagar alguma coisa, para poder mantê-los, pois como as indústrias da região também colocam seus times na disputa os clubes pobres têm dificuldades em evitar que os seus melhores jogadores saiam para jogar nos times das firmas.

Toda essa despesa e todas essas dificuldades podem se tornar inúteis, pois se o time perder uma partida estará automaticamente

fora da Copa. Assim depois de se preparar durante um ano inteiro, juntando dinheiro para enfrentar as despesas da Copa, o time corre o risco de jogar apenas uma partida. Por outro lado se o time vencer o jogo, as despesas aumentam pois é praxe a diretoria pagar a cervejada. Dessa maneira, chega a um ponto que não se sabe se é melhor ganhar ou perder, pois em ambos os casos os problemas que o time terá que enfrentar são graves. Os clubes frequentemente acabam a Copa Arizona em estado de falência.

Entretanto não é essa a maior crítica que os dirigentes dos clubes varzeanos fazem. O artigo 59 do regulamento diz o seguinte: «Os organizadores não se responsabilizam por acidentes que venham a ocorrer antes, durante ou depois dos jogos, com atletas, dirigentes ou técnicos». Ou seja, se algum jogador vier a quebrar uma perna, o que não é nada impossível levando em conta que as partidas são disputadíssimas, as despesas todas ficariam por conta do clube ou do jogador, e isso poderia inclusive acarretar a perda do emprego, por parte do atleta já e na sua maioria são operários e nenhuma fábrica iria se comprometer a pagar salários a quem não pudesse trabalhar. Os clubes não têm condições de arcar com essas responsabilidades, principalmente em se tratando de um torneio que visa exclusivamente a promoção de uma marca de cigarros, do maior grupo industrial do gênero no país, a Souza Cruz.

COLUNÃO

Campo de futebol ameaçado por padre

A única opção de lazer que existe em Jardim Palmira está ameaçada de desaparecer: um campo de futebol, que recebe, nos fins de semana, mais de mil pessoas que para lá se encaminham em busca de divertimento. Acontece que o Padre Ismael, da Vila Rosália, está reivindicando, junto à Prefeitura, a posse do terreno onde estão situados, além do campo de futebol, uma sede e uma quadra de futebol de salão. A área toda, com extensão de 17 mil metros quadrados, foi reservada pela companhia loteadora, como área comum, e doada à Prefeitura para construção de uma praça e de recantos destinados ao lazer. No entanto, apesar de o bairro já existir há muitos anos, a Prefeitura nunca se preocupou em realizar nenhum tipo de obra.

As benfeitorias existentes foram implantadas pela Sociedade Amigos do Bairro Jardim Palmira, que não se conformando com a atitude do Padre Ismael, já enviou vários abaixo-assinados e pedidos às autoridades municipais, sem obter resposta.

As centenas de pessoas que usufruem da área de lazer não abrem mão de um direito que julgam ter, para satisfazerem apenas a uma pessoa: o Padre Ismael.

...

A Souza Cruz atingiu a «insignificante» cifra de 47 bilhões e 232 milhões de cruzeiros, na venda de cigarros durante o ano de 1978. Uma boa parte desse faturamento se deve ao esforço dos pobres times de várzea que se esgotam na Copa Arizona, apenas para promover o «bom nome dessa magnífica empresa». Quem também se beneficia, sempre às custas dos trabalhadores, são as empresas que colocam times na disputa da Copa: promovem suas marcas e sua imagem, sem desmobilizar um tostão. O certo seria pagar aos trabalhadores que jogam em suas equipes por esse serviço de relações públicas.

